# RITUAIS PARA POESIA

Entrevista com CAConrad

Tradução e apresentação **Julia Raiz** 

### Nota da editora

Este texto parte da transcrição de uma entrevista concedida por CAConrad disponível AQUI \*

Alguns poemas de CAConrad foram traduzidos por Mariana Rugieri para a revista *Palavra Solta* e seguem disponíveis AQUI \*\*

<sup>\*</sup> www.youtube.com/watch?v=N2fUoYLu43U&ab\_channel=LouisianaChannel

<sup>\*\*</sup> www.revistaapalavrasolta.com/post/caconrad-na-tradu%C3%A7%C3%A3o-de-mariana-ruggieri

### CONVERSAS SOBRE TRAUMA VIDA

#### Julia Raiz

Às vezes estou na cama à noite, e antes de dormir penso nos pedacinhos de papel no bolso de Tahar Ben Jelloun quando jovem. O poeta foi preso em 1966 numa rebelião estudantil contra atos de violência da polícia marroquina. Como punição, Tahar foi levado para um campo militar, onde começou a escrever poemas de amor. Até então ele não pensava em ser poeta. Esses poemas eram escritos em pequenos pedaços de papel e costurados do lado de dentro dos bolsos do uniforme, para não serem encontrados pelos guardas. Separado da mulher que amava, foi a maneira que encontrou para sobreviver.

Os pedacinhos de papel de Tahar moram na minha cabeça junto com o bigode grosso de Gregory Orr. Gregory, aos dozes anos, matou seu irmão mais novo por acidente. O pai tinha levado os meninos para caçar. Em 1965, aos 18 anos, trabalhou como voluntário na luta por direitos civis no Mississippi. Na época foi sequestrado e mantido em cativeiro por uma semana na zona rural do Alabama. Essas experiências impactaram profundamente a maneira como Gregory escreve sobre trauma e silêncio.

Na minha cabeça, depois do bigode de Gregory aparecem os olhos de Paulina Chiziane. Escritora de experiência plurilinguística, lutou quando jovem na Frelimo, a Frente de Libertação de Moçambique, pela independência do país. Paulina escreveu e publicou seu primeiro romance *Balada de amor ao vento* (1990) ainda durante a guerra civil, que só acabou em 1992. Também nessa época trabalhava como voluntária na Cruz Vermelha.

As mãos de garoto dentro do bolso, um bigode que cobre o lábio superior, olhos em forma de amêndoa. Esses pedaços de gente entraram e ficaram na minha cabeça porque adoro assistir a entrevistas. Amo ouvir gente

escritora falando sobre a própria vida, contando da improbabilidade que aconteceu para estarem ali falando sobre os livros que escreveram. Porque essas histórias são as mais marcantes, as que falam de pessoas que apesar de tudo escreveram e escrevem.

É o caso da entrevista que lerão a seguir, de CAConrad para a TV on-line dinamarquesa Louisiana Channel. A conversa começa com uma história violentíssima, um trauma profundo que levou CAConrad a um estado depressivo por anos. No decorrer da conversa descobrimos como CAConrad construiu um caminho para a cura pela dedicação aos rituais de poesia. Essa entrevista é um convite para que sejamos agentes num ato coletivo pela cura, nos abrindo para o mistério. Não se trata de uma prescrição de como escapar sozinhe da depressão.

Durante a entrevista em vídeo não temos acesso às perguntas, apenas às respostas. O texto traduzido aqui é a transcrição do vídeo.

Infelizmente fica de fora da tradução a leitura de CAConrad de seus poemas — quem sabe no futuro possamos ouvir esses poemas em português brasileiro.

Torço para que os livros de CAConrad sejam publicados no Brasil.

Mesmo que não estejam vendo, gostaria que durante a leitura imaginassem o rosto tranquilo de CAConrad, seus olhos doces, o cabelo grisalho abaixo dos ombros e a bolsa colorida a tiracolo. Suas mãos, com unhas curtas pintadas de azul cintilante, fazendo movimentos leves no ar.

Foi um misto de prazer e tristeza ter passado tantas horas olhando para CAConrad e ouvindo sua voz tranquila, que se fortalecia e modulava durante a leitura dos poemas. Ouvindo sua experiência em ações políticas, performances, rituais. Quando ia ler os poemas CAConrad colocava óculos de armação preta e ficava com uma cara de professora que você gostaria de abraçar quando criança. Mesmo sem ver, durante a leitura, podemos imaginar como o movimento de suas mãos e voz abaixam quando elu diz que está aproveitando mais a vida agora, depois dos rituais.

Como somos diferentes, CAConrad, e como eu me senti ligada a você. Sua devoção total pela escrita e dispêndio de energia para executar diariamente os rituais me emocionam. A atenção é o primeiro passo para a devoção, disse a poeta Mary Oliver, e CAConrad está atente a tudo ao seu redor, como elu mesme repete durante a entrevista.

Ouvi duas vezes essa entrevista, ainda antes de traduzi-la, com as mãos na minha barriga de grávida, chorando quando CAConrad conta das crianças soprando bolhas de sabão. O dia ficando um pouco mais opaco quando elu conta da história dos macacos em Singapura e do chimpanzé ChaCha. Esse foi o trecho mais difícil de ouvir de novo e de novo e, consequentemente, de traduzir.

Na tradução, tentei preservar como pude o ritmo da fala de CAConrad. Foi um desafio sentir onde colocar a pontuação e quando manter as reformulações típicas da entrevista, que é uma conversa. Por exemplo: como trabalhar com a recorrência do "e" em começos de frases; uso de marcadores orais; encadeamento de orações sem ponto final; uso das reticências em pausas e recomeços mais marcados no vídeo. Quis manter essas marcações porque gostaria de deixar transparecer na tradução algo do estilo de falar de CAConrad, sua calmaria, seu foco no que está sendo dito agora. Um ritmo que admite voltas e retornos e reformulações, porque não é planejado para seguir em frente em linha reta, sem se importar com o que está acontecendo ao redor. Não quer convencer, quer convidar, por meio de uma abertura misteriosa em que irradia o amor por tudo que existe.

Usei a linguagem não binária quando CAConrad fala sobre si mesme: em inglês seus pronomes são they/them. Não usei a linguagem não binária como regra, porque em determinados momentos do texto era importante marcar um sistema violento de gênero expresso na linguagem, ao qual CAConrad se contrapõe em seus rituais, ações políticas, ensaios e, de maneira mais ampla, com a própria presença neste planeta. Sobre o assunto, um tuíte seu de abril de 2020 diz o seguinte: "Oi, sim, eu me sinto como um outro gênero ainda sem nome.

Mas uso *They*, o que é ótimo. Inventei esse nome de gênero neutro CAConrad em 1984. Foi só essa geração mais jovem de agora que começou a perguntar meus pronomes. Sou muito grate a isso".

Adiciono o cabelo bicolor de CAConrad, que imagino com um cheiro de mato, ao meu arquivo mental de pedaços de poetas. Espero que sintam o amor de CAConrad e seu talento para a cura por meio da escrita, ao lerem essa conversa traduzida.

20.01.2022 — este pequeno ensaio foi finalizado no dia da morte de Elza Soares, encarnação do poder e mistério

#### Rituais para Poesia Entrevista com CAConrad

### Leitura do poema da página 9 do livro While Standing in Line for Death

O objetivo do meu último livro de rituais e poemas era mais do que apenas escrever poemas, o objetivo era a cura. Anos atrás, eu tive um namorado, que conheci durante manifestações nos anos 1980. Ele acabou ficando exausto de todo o ativismo e foi para Tennessee, trabalhar em jardins e tentar recuperar a própria vida. Enquanto ele estava por lá, ele foi meditar em uma caverna. E a gente não sabe quem fez isso, mas alguém amarrou os tornozelos e os pulsos dele, o torturou e estuprou e depois cobriu seu corpo com gasolina e o queimou vivo. E a polícia encobriu, a polícia nunca se preocupou em investigar.

Fizeram um documentário sobre mim. A gente até voltou para Tennessee, no filme, e a polícia manteve sua posição. Mesmo com paramédicos, médicos, legista, atestado de óbito afirmando que foi homicídio. É óbvio que foi homicídio. Mas, de verdade, o problema foi a polícia. Fiquei deprimido depois do assassinato dele, e daí a polícia me tratou tão mal que isso me jogou numa espiral, numa queda espiralada.

Depois, eu comecei a acreditar que poderia fazer um ritual para escrever poema que pudesse me tirar da depressão. Esse foi o primeiro ritual do novo livro. O novo livro se chama *While Standing in Line for Death* [Enquanto se Espera na Fila pela Morte] por causa disso, para honrar o fato de que é preciso pensar todos os dias, enquanto você está em vida, que você vai morrer, e assim apreciar melhor o dia.

Perdemos tanto tempo e é comum ver pessoas mais velhas perceberem que perderam tempo. Eu quero viver uma vida sem arrependimentos, e isso não é fácil de fazer neste mundo, eu acho, mas também acho que estou no caminho, na direção. Esse ritual me ajudou a recuperar meu chão, nesta cultura, neste mundo, neste planeta.

Têm sido tempos difíceis, mas me sinto curade agora. O ritual era assim: eu pegava um cristal que ele me deu da última vez que vi ele vivo, e aí eu colocava o cristal debaixo da faixa, que eu usava para prender o cabelo, e engolia um pedaço menor do cristal. E funcionava na hora. Bom, na verdade, em alguns dias, o que era na hora para mim, considerando que tive depressão por tanto tempo. Foi um alívio, um alívio total. E também fiquei muito feliz com os poemas que saíram como resultado e estou muito mais feliz desde aquele primeiro ritual.

Esse ritual, que curou minha depressão, também envolvia me sentar no meio da mata e observar. Era outono, a época perfeita para fazer esse ritual, porque é quando tudo está mudando, antes de ir dormir durante o inverno. Pensei: isso é bom. Eu queria estar desperte durante o inverno, pela primeira vez em anos, depois da depressão. Então eu me sentava lá, dentro da mata, e ficava olhando para uma árvore longe de mim e ficava olhando para ela e de repente eu conseguia ver as folhas caindo todas de uma vez. Esse era o objetivo, ver as folhas caindo de uma vez só. Essa é uma meditação que me joga para dentro de mim mesme. Esse tipo de meditação, e a linguagem que surge para tal ritual, é extática, me deixa muito feliz.

E preciso contar que eu também dormia com esse cristal debaixo do meu travesseiro. Eu deveria ter dormido com o cristal por 27 noites, mas só dormi por nove, porque os sonhos eram muito violentos. Nos sonhos, eu matava os assassinos, e eu nunca mataria ninguém, não sou uma pessoa violenta, mas matava os assassinos e aí eu acordava me sentindo melhor, como se fosse um exorcismo, como se o ritual estivesse tirando todos os demônios de dentro de mim. Depois que esse ritual acabou eu tenho me sentido muito bem, cuidando melhor de mim e aproveitando mais a vida.

Então o que eu faço é... não é poética documental. Eu escrevo o mais rápido possível, sem ficar pensando no que estou escrevendo, confio no meu corpo, no espaço onde estou, mantenho uma presença extremamente aterrada, para eu estar ali. Enquanto estou escrevendo, se me pego seguindo um tópico ou uma frase completa, escrevo mais rápido ainda porque quero ultrapassar a ideia. Essa voz interna editora é muito valiosa, só que mais tarde, para moldar os poemas, mas atrapalha nessa parte de anotações cruas. Na verdade, são apenas as anotações que estão além do pensamento, que estão naquela altitude mágica de fluxo que eu alcanço, é apenas lá que encontro toda a linguagem da qual os poemas são feitos. Eu tenho esses poemas curtos no livro que... eu chamo de restos, acabo conseguindo a partir de um ritual mais ou menos doze ou treze pedaços de papel impressos, preenchidos em espaço simples. Mas o poema mesmo é bem pequeno, então no final uso só um ou dois por cento da linguagem para fazer o poema, o resto eu descarto.

# Leitura do poema da página 12 do livro While Standing in Line for Death

Meu interesse por rituais começou na infância, no lugar onde eu cresci, na verdade. Eu cresci em uma área da Pensilvânia, nos Estados Unidos, chamada Boyer Town, é uma comunidade holandesa. O povo lá é germânico e se estabeleceu séculos atrás. Na verdade, falam um dialeto do alemão que não é falado há séculos e existe muito da magia do velho mundo lá, fórmulas sátiras, encontrar água com adivinhação, coisas desse tipo. Eu sempre tive fascinação por tudo isso. Só anos depois, quando amizades minhas estavam morrendo de AIDS, comecei a frequentar reuniões pagãs, para aprender sobre ervas medicinais e outras coisas. Aquele lugar realmente me marcou.

Mas os rituais que faço para escrever vieram muito depois disso. A cidade onde eu cresci na Pensilvânia é uma cidade antiga e fabril, e essa cidade fabril... eu percebia como aqueles empregos estavam destruindo minha família. Eu não queria ter nada a ver com a fábrica. Então quando eu era adolescente fugi para a Filadélfia, para ser escritore, é o que eu sempre quis ser, e me senti muito bem com essa decisão. Mas daí em 2005 eu voltei para minha cidade, para participar de uma reunião de família, e foi naquela viagem de trem para casa que percebi que eu tinha transformado tudo em fábrica, a fábrica estava dentro de mim. Então parei de escrever por quase um mês e depois acordei uma manhã e fiz uma lista dos problemas da fábrica e uma das coisas que eu escrevi nessa lista foi a incapacidade de estar presente.

Eu percebi que esse era o maior problema da minha família. Eles de fato não conseguem estar presentes porque são extensões das máquinas. Na maior parte das horas que estão acordados, e também nas horas que estão no trabalho, ficam ou ansiosos com o passado ou deprimidos com o futuro, ou talvez o contrário. E não sabem como desligar essa sensação quando não estão trabalhando, então a sensação fica ligada o tempo todo. Eu pensei que os rituais deveriam ir nessa direção, então comecei a criar os rituais para me encontrar em um lugar extremo de estar no presente, para não ficar pensando no passado ou no futuro, e só pensar exatamente onde eu estava e o que estava fazendo para escrever esses poemas.

### Leitura do poema da página 23 do livro While Standing in Line for Death

Outra coisa sobre este livro é que eu queria curar minha depressão, mas também tinha outros objetivos em mente. Existem dezenas e dezenas de leis antilésbicas, antipessoas trans, antigays surgindo nos Estados Unidos neste exato momento, no contexto desta próxima eleição, mas tem uma que existe há alguns anos na Carolina do Norte. E quando eu era jovem me mudei para lá. Eu ia nas manifestações contra essa lei, em atos de ativismo, mas fiquei um pouco

cansade de toda a gritaria. Então o que eu fiz foi começar a fazer rituais de poesia, e este livro tem três rituais de ação política para poesia. Foi o que eu fiz neste primeiro ritual, chamado Power Sissy Intervention #1 — queer bubbles [Intervenção do Poder Bicha #1 — bolhas de sabão queer].

Eu fui até uma esquina muito movimentada num sábado à tarde em Asheville, Carolina do Norte, e peguei uma jarra grande para fazer bolhas de sabão. As crianças estavam lá soprando bolhas muito coloridas e eu me sentei em uma cadeira baixa para fazer contato visual, no mesmo nível das crianças. As crianças estavam amando as bolhas, estavam aproveitando e os pais passavam, eles estavam um pouco preocupados comigo, porque eu parecia estranho para eles. Quando os pais passavam, eu dizia: essas bolhas de sabão são queer, e elas vão transformar suas crianças em crianças queer, não gays e lésbicas, mas queer, o que significa que elas vão ser saudáveis, felizes, revolucionárias queer, elas vão acabar com o racismo, misoginia, transfobia e ajudar a mudar este mundo para melhor.

Alguns pais acharam engraçado ou interessante e disseram: bom, eu amo meus filhos, não importa o que eles façam. Mas a maioria dos pais ficaram muito bravos e iam lá pegar seus filhos e os levavam embora gritando, as crianças gritavam, porque elas queriam brincar com as bolhas de sabão. E, enquanto iam embora, os pais ficavam repetindo: desculpa, me desculpa. E eu dizia: por que você está pedindo desculpa? Quero saber pelo que você está se desculpando.

Então esse era o ritual... era muito produtivo de várias maneiras, porque essa lei chamada Lei HB2, na Carolina do Norte, causa tanta violência contra pessoas queer e parecia que ninguém estava fazendo nada a respeito. E eu só... qualquer conversa que você conseguir começar, em um ambiente como esse, é bom. Então as anotações se tornaram o poema chamado "Every Feel Unfurl" [Todo Toque Desenrolado]. Eu gosto muito da forma desse poema. Eu gosto de como tudo combina.

#### Leitura de "Every Feel Unfurl" do ritual Power Sissy Intervention #1 — queer bubbles

Eu me conecto com tudo ao meu redor. O que eu amo nos rituais não tem tanto a ver com as coisas com as quais eu entro em contato dentro de mim, mesmo que eu faça isso. É mais sobre a capacidade de ver que tudo ao meu redor, o tempo todo, tudo que está ao meu redor tem viabilidade criativa, não dá para enxergar isso de verdade até estar presente. Nossas vidas são tão agitadas e tem tanto caos no mundo, somos movides por rotinas, trabalho, a gente tem que fazer o que for para sobreviver, mas muitas vezes não temos espaço, ou pensamos que não temos, mas eu acredito que todo mundo poderia ter.

Acho que todo mundo deveria desenvolver algum tipo de prática criativa no seu dia a dia, porque as pessoas criativas são sobreviventes. As pessoas criativas é que vão descobrir as soluções para os problemas que enfrentamos, temos problemas com que outras pessoas nunca tiveram que se preocupar, em nenhum outro momento da história da humanidade. Perdemos 60% de todas as criaturas selvagens do planeta e nos últimos 25 anos a Europa perdeu 75% dos insetos voadores. Esses são problemas cruciais, urgentes. Existem os vegetais que precisam ser polinizados, há o solo, o ar e os pássaros, tudo está sendo afetado por isso, é como uma avalanche de... é uma avalanche de morte que está acontecendo agora e temos que descobrir como pará-la.

Eu acredito que, quanto mais criative você for, maior será a probabilidade de você ser capaz de descobrir soluções. Se você é um cientista e tem... não é só a ciência, você precisa ser criative, é a mente criativa. Stein disse que a criatividade é mais importante do que a imaginação... a imaginação é mais importante do que o conhecimento, ou seja, precisamos ter uma nova maneira de pensar e olhar as coisas, para acabar, para parar de repetir os velhos paradigmas, porque eles não estão funcionando, as velhas maneiras de fazer são as causas do que estamos passando agora.

Este próximo ritual é intitulado Monkey Grass [Grama de Macaco] e é dedicado à minha amiga Divya Victor. Ela é uma poeta extraordinária que nasceu e cresceu em Singapura e depois veio para os Estados Unidos e depois voltou para Singapura para dar aulas. E, enquanto estava lá em Singapura, ela me convidou para ir e lecionar por uma semana. Fiquei muito animade com esta oportunidade por vários motivos, uma das coisas foi que eu nunca tinha visto macacos selvagens e queria fazer um ritual sobre zoológicos e como me sinto em relação a zoológicos. Não gosto de zoológicos, eu acredito que zoológicos não são nada mais do que prisões, onde todes prisioneires nunca tiveram acesso à defesa e vivem e morrem naqueles lugares, é horrível.

O que eu fiz foi, ainda nos Estados Unidos antes de entrar no avião, um dia antes do voo, fui a um zoológico com um cristal de celestita, que é um cristal azul-claro. Esse cristal abre o chacra da garganta, o terceiro olho e o chacra coronário.

Então, eu precisava de um cristal que pudesse abrir todas as habilidades de comunicação dos macacos. Levei essa pedra azul para a casa dos macacos no zoológico e imediatamente me senti péssime porque lá tem todos esses pais com seus filhos pequenos e as crianças não sabem o que realmente está acontecendo. Elas estão gostando, estão lá comendo doce, olhando para os macacos e rindo. Enquanto os macacos ficam com aquela ansiedade correndo pelo corpo e eles estão até com raiva uns dos outros porque estão tão cansados, a vida deles é horrível, nós oferecemos para eles pedras falsas e é uma tristeza absoluta.

Daí o que eu fiz foi colocar o cristal na borda do vidro onde eles estavam, e eles ficaram imediatamente fascinados pelo cristal e se aproximaram e ficaram olhando para ele. Depois de um tempo, coloquei o cristal no bolso e fui embora com algumas folhas de grama que crescem do lado de fora da casa dos macacos e levei a grama e o cristal para Singapura. Durante a semana toda, enquanto eu estava dando aula, fiquei procurando macacos selvagens. Fiquei

sabendo pela minha amiga Divya que havia um macaco no campus, que o marido dela via com frequência, mas eu nunca vi aquele macaco.

Eu vi dois outros macacos que estavam um penteando o outro, e as pessoas estavam tirando selfies com eles. Na verdade foi assim que eu encontrei os macacos, vendo essas pessoas. Aí coloquei o cristal na grama com algumas fatias de melão que eu tinha conseguido no refeitório, e eles vieram comer o melão. E então, quando o cristal foi exposto, a macaca tocou o cristal e imediatamente ficou agitada e chateada e começou a gritar, acho que porque a mensagem dos macacos encarcerados estava naquele cristal. E ela ficou muito chateada, agitada, e, para minha sorte, o outro macaco estava lá para acalmá-la e abraçá-la, e eu na verdade me senti péssimo com isso porque eu não... não sei o que estava pensando, na verdade eu não imaginei que seria tão perturbador, mas foi.

Mais tarde eu estava relendo minhas anotações, voltei para o apartamento da faculdade, cozinhei feijão com arroz e estava sentade assistindo ao jornal. Tem um canal de notícias em Singapura chamado Asia News que é em inglês. Eu estava assistindo ao jornal, pensei que meu ritual tivesse terminado e então apareceu um repórter japonês dizendo para a câmera que o chimpanzé ChaCha tinha escapado do zoológico. Então a câmera mostra o chimpanzé em cima de um poste telefônico, se espreguiçando e rindo, curtindo a liberdade. E daí aparece um guindaste com dois homens dentro, usando capacete amarelo e um rifle, e eles atiram um dardo tranquilizante no ombro de ChaCha e ChaCha se vira e grita com os homens e começa a ficar letárgico e cai numa rede e eles embrulham ChaCha e colocam ChaCha em uma van e levam ChaCha de volta para a prisão, o zoológico.

Daí eu larguei meu feijão com arroz, agarrei o caderno e comecei a fazer anotações de novo, porque percebi que o ritual não tinha acabado. Era inacreditável que aquilo tivesse acontecido, naquele momento, e no livro eu tenho até um link para as pessoas acessarem, se quiserem saber mais sobre ChaCha. Tem uma citação que dá início a esse ritual, da escritora Alice Walker: "Os animais

do mundo existem com propósitos próprios, não foram feitos para servir os humanos como o povo negro não foi feito para servir o branco, ou as mulheres para servirem os homens". Este poema é intitulado "This is not the master it is the lost visitor" [Este não é o mestre, é o visitante perdido].

### Leitura de "This is not the master it is the lost visitor"

Me anima muito levantar de manhã e fazer esses rituais, é a minha vida, e me afetou profundamente ter criado esse espaço em que estou presente, afetou tudo o que eu faço. Sim, me curei da depressão com os rituais e, sim, estou fazendo ações políticas com os rituais, mas isso está me ajudando a ver que, literalmente, tudo ao meu redor está vivo de alguma forma. E acho que o que eu mais amo no que faço é que me faz apreciar tudo, o dia todo, e como estou presente o tempo todo agora pela primeira vez na minha vida e é por causa desses rituais. O poder que os rituais tiveram de mudar minha vida, de certa forma, é porque eu os faço todos os dias. Fazendo isso, estando focade no presente, estou presente para tudo o tempo todo.

Por exemplo, eu estava em Marfa, no Texas, em uma residência. Eu amo Marfa e estava fazendo um ritual que chamei de Máquina de Poesia de Marfa, 36 rituais por dia durante 36 dias. Em determinado momento, fui ao correio porque eles não entregam correspondência lá, é um lugar tão pequeno que você tem que ir ao correio. E, quando eu estava prestes a entrar no correio, um carro parou, o rádio estava bem alto e estava tocando uma música da minha infância chamada "Band of Gold". É uma música pop e eu fiquei lá ouvindo a música que eu não ouvia fazia muitos anos, e pensei: Ah, essa é a letra, e esses instrumentos? Sabe, tentando descobrir todas as nuances do que estava acontecendo dentro da estrutura da canção. Depois, a música acabou e entrei no correio e continuei meu dia, e mais tarde naquela noite, enquanto eu estava

fazendo jantar, percebi o quão importante foi aquilo. Porque se eu tivesse ouvido aquela música antes de começar a fazer esses rituais, mais ou menos uns dez anos atrás, eu teria sido fisgade e arrastade pela nostalgia em relação à minha infância. Mas eu não tive interesse pela nostalgia, eu estava presente para ouvir a música de uma forma que eu acho que provavelmente nunca estaria se não vivesse minha vida da maneira como estou vivendo agora.

A vantagem de ser uma pessoa criativa é que isso te dá a oportunidade de ver sua vida e a vida maior ao seu redor. Faz com que você veja como você é um componente de tudo que te cerca e faz com que você aprecie melhor o mundo. Faz você querer cuidar melhor do mundo porque, quanto mais a arte te ajuda a ver como o mundo está conectado a você, é menos provável que você polua ou cause danos. Eu acho que toda criança pode nos mostrar como todo mundo é criative, e precisamos encorajar essa criatividade nas crianças e continuar encorajando, e eu preciso que as famílias também sejam criativas com as crianças.

Quando eu era criança, crescendo naquela cidade fabril, minha avó tinha uma estante na sala, com peças de arte de todas as suas nove filhas e filhos. Eu ficava obcecade por essa estante porque essas pessoas eram os adultos da minha vida. Eu era muito jovem e certo dia perguntei para minha avó: "cadê as obras de arte que os adultos estão fazendo agora? Essas são de quando eles tinham quatro ou cinco anos, são seus primeiros trabalhos?". Perguntei algo desse tipo e ela ficou muito brava comigo e disse: "Eles não têm tempo para arte, estão ocupados trabalhando". A discussão acabou por ali, e percebi muito jovem que eu morava em um lugar onde a arte não tinha valor nenhum, arte é para crianças e pronto, você precisa crescer. E isso é o problema.

Veja, existem culturas neste planeta como a Bali, o povo balinês não tem uma palavra no vocabulário que chegue perto da palavra artista. Eles não separam artistas do resto das pessoas, porque presumem que todes somos artistas. Tem uma questão de história que precisa ser levada em conta, ou melhor, uma questão do ensino de História. Precisamos parar de ensinar apenas os

últimos 5 mil anos, período em que os erros foram cometidos. A guerra... é tudo sobre guerra, marcamos a história por meio de guerras, existem 30 mil anos antes disso, precisamos falar, existem 30.000 anos de vida humana neste planeta que foram matriarcais e muito diferentes, temos... a primeira obra de arte humana que conhecemos tem cerca de 32 mil anos, foi encontrada em uma caverna na França e era a escultura de uma deusa. Temos artefatos, chamamos de artefatos, mas são obras de arte de todos aqueles 30 mil anos de história que estão em museus, podemos ver essas obras. E nesse período não há uma única obra de arte que tenha o nome de um artista gravado, porque a pessoa artista não assinava nada porque todo mundo era artista, todo mundo era criative.

A arte virou mercadoria e agora o artista é mais importante do que a arte, mas o fato é que todo mundo é artista, todo mundo é criative e precisamos encorajar isso e todo mundo precisa fazer isso também. Quando estou ensinando em workshops, tem um monte de gente que chega em mim dizendo que está triste por há muito tempo não conseguir ser criativo. Quando eu trabalho com essas pessoas em específico, eu quero que elas trabalhem nas coisas que as bloqueiam. Quando eu consigo fazer com que elas façam isso, consigo fazer elas trabalharem dentro de uma estrutura que é dolorosa ou opressora — talvez por causa de uma rotina que elas têm que seguir no trabalho, ou o que for —, se eu consigo fazer com que elas escrevam dentro dessa estrutura, e elas realmente conseguem fazer isso, a vida dessas pessoas muda completamente.

Este próximo ritual é intitulado Hall of the Decommissioned Pantheon [Galeria do Panteão Descomissionado], e foi encomendado pela Pulitzer Foundation em St. Louis, Missouri, para uma exposição de arte que foi chamada "Art of it's own making" [Arte dos próprios processos]. E o que eu fiz foi... fiquei pensando que o que eles queriam mesmo era que as pessoas que chegassem para ver a exposição pudessem escrever poemas sobre uma obra de arte. Mas eu não gostei da ideia, porque não gosto dessa tradição de poetas que ficam louvando arte. Então pensei: bom, vou fazer diferente. Fiz uma breve pesquisa sobre quando nazistas estavam se aproximando de Paris para ocupar Paris.

E claro, Hitler e Göring, e esses outros homens, queriam muito a arte do Louvre, e os curadores do museu sabiam disso. Então se esforçaram para tirar do museu as obras de arte mais valiosas e guardá-las em segurança. A Mona Lisa, por exemplo, foi transportada com muito cuidado, com uma caixa de um tipo específico de madeira e um forro de cetim vermelho para proteger a pintura e levá-la para o interior do país, por segurança.

Então eu criei um ritual a partir de várias falas. Começava assim: imaginem que tenha acabado de estourar uma guerra, e o saque está para começar, os saqueadores vão saquear o museu. Você tem a oportunidade de salvar uma obra de arte, o que vai guardar? Por que vai guardar? O que você gosta nessa obra de arte? Qual é a razão? E aí pedi para as pessoas irem ao banheiro, criarem uma senha, juntando o nome do deus ou deusa favorita e seu eletrodoméstico favorito, por exemplo Micro-ondas Afrodite ou Batedor de Ovos Júpiter. E depois escrever a senha no seu corpo, na sua carne, e voltar para o museu e encontrar uma pessoa estranha, caminhar até ela e apenas sussurrar a senha e ir embora. Fiz isso com o trabalho da poeta, desculpa, da artista Nicole Eisenman no ICA [Instituto de Arte Contemporânea] na Filadélfia. Foi um ritual muito gostoso de fazer, eu aproveitei, e o poema que saiu dele se chama "Poetry is short for kicking in the door" [ Poesia é abreviação de chegar na voadora ].

# Leitura de "Poetry is short for kicking in the door"

Tenho trabalhado muito para me curar usando meus poemas e rituais e, como sei que funciona, quando trabalho com outras pessoas, e muitas vezes trabalho com pessoas que estão tendo problemas na vida, quero trabalhar com elas também para curar. Acredito que a poesia tem a força e o poder de fazer isso por todo mundo.

#### **CADERNO DE LEITURAS N.148**

#### RITUAIS PARA POESIA — Entrevista com CAConrad CAConrad Interview: Rituals for Poetry

Edição

Luísa Rabello

Tradução

Julia Raiz

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Rafael Camisassa

Coordenação da coleção

Luísa Rabello Maria Carolina Fenati

Composto em Bureau Grotesque

Edições Chão da Feira Belo Horizonte, Maio de 2022 Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização Incentivo







